

## **KUNG FU EM TELA: UMA LEITURA DE ELEMENTOS DA HISTÓRIA MARCIAL CHINESA A PARTIR DOS FILMES DE KUNG-FU**

**KUNG FU EN PANTALLA: UNA LECTURA DE ELEMENTOS DE LA HISTORIA MARCIAL CHINA DE LAS PELÍCULAS DE KUNG-FU**

**KUNG FU ON SCREEN: A READING OF ELEMENTS OF CHINESE MARTIAL HISTORY OF KUNG-FU FILMS.**

### **APOLLONI, RODRIGO WOLFF**

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Mestre em Ciências da Religião (PUC-SP). Professor da Faculdades OPET e praticante de Kung-Fu há 22 anos.

E-mail: [rwapolloni@gmail.com](mailto:rwapolloni@gmail.com)

### **AGUIAR, JOSÉ OTÁVIO**

Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Professor adjunta III do curso de História / UFCG; Professora efetiva do PPGH/UFCG

E-mail: [jotavio.a@hotmail.com](mailto:jotavio.a@hotmail.com); Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0489-3670>

#### **RESUMO**

O presente artigo tem por objetivo analisar a marcialidade chinesa a partir de elementos colhidos junto ao chamado “cinema marcial chinês”, entendido como fonte importante de conteúdos não-corporais para praticantes de Kung-Fu em um país como o Brasil. A partir de uma análise desses elementos (especificamente “filme de Kung-Fu”, “Kung-Fu”, “Shaolin” e “Chi Kung”) é possível obter algumas respostas sobre elementos da marcialidade e da própria História da China. O presente artigo tem por objetivo analisar a marcialidade chinesa a partir de elementos colhidos junto ao chamado “cinema marcial chinês”, entendido como fonte importante de conteúdos não-corporais para praticantes de Kung-Fu em um país como o Brasil. A partir de uma análise desses elementos (especificamente “filme de Kung-Fu”, “Kung-Fu”, “Shaolin” e “Chi Kung”) é possível obter algumas respostas sobre elementos da marcialidade e da própria História da China. Abordaremos as apropriações do Kung Fu no cinema como um desdobramento fílmico da Literatura Épica, chamada Wushia, cujo interesse atual é mais sintomático para questões de nosso presente do que remetente a outros regimes de historicidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** China, Kung-Fu, cinema marcial, Shaolin, Chi Kung, monges guerreiros chineses

#### **RESUMEN**

Este artículo tiene como objetivo analizar la marcialidad china a partir de elementos recogidos del llamado “cine marcial chino”, entendido como una importante fuente de contenido incorpóreo para los practicantes de Kung-Fu en un país como Brasil. A partir de un análisis de estos elementos (concretamente “Película de Kung-Fu”, “Kung-Fu”, “Shaolin” y “Chi Kung”), es posible obtener algunas respuestas sobre elementos de la marcialidad y la historia de China. Este artículo tiene como objetivo analizar la marcialidad china a partir de elementos recogidos del llamado “cine marcial chino”, entendido como una importante fuente de contenido incorpóreo para los practicantes de Kung-Fu en un país como Brasil. A partir de un análisis de estos elementos (concretamente “Película de Kung-Fu”, “Kung-Fu”, “Shaolin” y “Chi Kung”), es posible obtener algunas respuestas sobre elementos de la marcialidad y la historia de China. Abordaremos las apropiaciones del Kung Fu con el cine como una ramificación fílmica de la Literatura Épica, denominada Wushia, cuyo interés actual es más sintomático a cuestiones de nuestro presente que a otros regímenes de la historicidad.

**PALABRAS CLAVES:** China, Kung-Fu, cine marcial, Shaolin, Chi Kung, monjes guerreros chinos.

**ABSTRACT**

This article aims to analyze Chinese martiality from elements collected from the so-called “Chinese martial cinema”, understood as an important source of non-corporeal content for Kung-Fu practitioners in a country like Brazil. From an analysis of these elements (specifically “Kung-Fu film”, “Kung-Fu”, “Shaolin” and “Chi Kung”), it is possible to obtain some answers about elements of martiality and the history of China. This article aims to analyze Chinese martiality from elements collected from the so-called “Chinese martial cinema”, understood as an important source of non-corporeal content for Kung-Fu practitioners in a country like Brazil. From an analysis of these elements (specifically “Kung-Fu film”, “Kung-Fu”, “Shaolin” and “Chi Kung”), it is possible to obtain some answers about elements of martiality and the history of China. We will approach the appropriations of Kung Fu wlo cinema as a filmic offshoot of the Epic Literature, called Wushia, whose current interest is more symptomatic to questions of our present than to other regimes of historicity.

**KEYWORDS:** *China, Kung-Fu, martial cinema, Shaolin, Chi Kung, Chinese fighting monks..*



## INTRODUÇÃO

Há algumas semanas, ao circular por um supermercado em minha cidade natal, percebi-me entretido a vasculhar um grande balaio repleto de DVDs baratos. Nele estavam *blockbusters* que já não passam na “Sessão da Tarde”, faroestes italianos, produções de terror “B” e “C” e vários filmes chineses de luta. Praticante de Kung-Fu de longa data e apaixonado pela temática marcial chinesa, acabei por adquirir sete filmes (cada um por R\$ 9,90): “O Culto do Mal”, “O Tesouro de Shaolin”, “Kung-Fu Contra as Tríades”, “Templo Shaolin”, “Leão de Jade e a Espada Samurai”, “O Retorno dos Dragões” e “O Vôo do Dragão” (este, o clássico de Bruce Lee). Chegando em casa, pude me deleitar e rir um bocado com cenários exóticos, combates que desafiam a Física, sociedades secretas malignas, espadas amaldiçoadas e técnicas poderosas de controle da “energia interna”. Também não faltavam personagens inspirados nos célebres monges guerreiros de Shaolin, geralmente “velhinhos carecas” dotados de incrível poder marcial.

Não pude deixar de observar – ou, pelo menos, de buscar atentamente – conexões entre a arte marcial que eu pratico e todos esses elementos. Afinal, que informações seria possível obter, em produções como essas, sobre a História e o desenvolvimento das artes marciais chinesas?

A questão, que diante dos exageros cênicos dos filmes poderia soar no mínimo esdrúxula, ganha importância se observarmos que, em nosso país, as produções marciais chinesas ocuparam um papel fundamental na difusão da arte marcial desde meados dos anos setenta do século passado. É possível afirmar que todo o material nascido nesse *boom Kung-Fu* – livros populares do tipo “Shaolin sem mestre”, revistas especializadas, jogos eletrônicos como “Kung-Fu Master” (1984) e até personagens de quadrinhos como “Mestre do Kung-Fu” (1972) – funcionou como fonte de inspiração e informação aos interessados. Ao mesmo tempo em que atraíam o público para a prática, tais fontes forneciam subsídios imateriais para a sua apreensão.

Vale observar que até o momento nós não somos um destino tradicional de imigrantes chineses (registros recentes indicam a existência de algo entre quarenta mil e sessenta mil imigrantes chineses do Brasil), o que limita um contato mais direto com uma “cultura de raiz” dotada de elementos marciais. Não há uma grande disponibilidade de sujeitos étnicos chineses com quem conversar e filtrar informações.

Os escassos imigrantes chineses conhecedores de arte marcial - mestres como Chan Kowk Wai (estilo Shaolin do Norte) e Chiu Ping Lok (Fei Hok Phai) – são, porém, exemplos extraordinários de “patriarcas marciais” que difundiram entre nós técnicas marciais tradicionais. Dificuldades com o idioma e mesmo com a tradução de certos conceitos fizeram com que esses mestres se concentrassem nos elementos corporais – rotinas e técnicas – e deixassem de transmitir muitos dos conteúdos semânticos não-corporais (rituais, dados históricos e elementos da religiosidade popular chinesa) que também compõem a arte marcial<sup>1</sup>. Conteúdos que, por serem essenciais à configuração da prática como “arte marcial”, foram recolhidos pelos interessados brasileiros nas mesmas fontes que os levaram a pisar pela primeira vez em uma academia de Kung-Fu.

Neste breve artigo, propomo-nos a fazer o caminho de muitos praticantes e “levar a sério” dados históricos e referências marciais que se repetem nos filmes de Kung-Fu. Pretendemos pinçar referências e, a partir delas, estabelecer vínculos com dados oriundos de fontes acadêmicas que se interessaram pela marcialidade chinesa. Com isso, esperamos não só contribuir para uma melhor compreensão da arte marcial chinesa, mas também chamar a atenção para a riqueza da própria História da China e para o valor das chamadas fontes populares de informação marcial.

## SELEÇÃO DE TERMOS DE PESQUISA

A fim de racionalizar e adequar nosso universo de pesquisa ao tipo de material acadêmico que ora apresentamos – uma introdução ao tema sob a forma de artigo curto -, decidimos concentrar minha atenção em três “temas-mestres” do imaginário fílmico marcial chinês: o termo “Kung-Fu”, os monges guerreiros de Shaolin e o chamado “Chi Kung”, nome genérico dados às técnicas de cultivo da energia interna.

Uma leitura mais detalhada dos filmes e das fontes populares de difusão da marcialidade chinesa abriria caminho para diversos outros temas de pesquisa, tais como o universo das armas chinesas, o papel das mulheres na marcialidade, o mosteiro taoísta de Wudang, as tríades chinesas e os diversos estilos de Kung-Fu referidos e apresentados nas cenas de luta. Diante da impossibilidade de tamanha abrangência em um documento como o que estamos produzindo, porém,



deixamos apenas as indicações. As fontes de consulta referidas ao final deste trabalho fornecerão subsídios aos interessados em ampliar a pesquisa.

## POR QUE OS FILMES DE KUNG-FU SÃO TÃO INTERESSANTES?

Antes de chegar ao que está dentro dos filmes, é preciso analisar sua própria configuração. Nem todos os filmes chineses de artes marciais são, efetivamente, produções do nível técnico de “O Tigre e o Dragão” (2000) ou “O Clã das Adagas Voadoras” (2004). Mesmo assim, para quem pratica Kung-Fu e admira suas histórias e mitos, todos eles, de modo geral, trazem elementos de interesse. É difícil encontrar praticante de Kung-Fu que, diante de uma televisão ligada mostrando cenas de luta, não pare – nem que seja por um curto intervalo de tempo - para olhar. Podemos abstrair, dessa capacidade de “magnetizar” o público, uma tremenda competência técnica, não tanto em relação às coreografias marciais e efeitos especiais, mas às histórias. Via de regra há um herói injustiçado, um segredo mortal, uma população oprimida, belas guerreiras e, é claro, uma miríade de inimigos dotados de poderes extraordinários.

De onde vem esse *savoir-faire* de roteiristas, coreógrafos de luta e diretores? Da própria História chinesa: o cinema possui pouco mais de cem anos, mas as tramas ligadas à marcialidade são cultivadas na China por literatos, atores, músicos e contadores de histórias há mais de vinte e cinco séculos.

O gênero literário de que descende a tradição cinematográfica marcial é o chamado *Wusia*, a literatura dos heróis errantes. “*Mulan*”, poema que narra a saga de uma garota que se veste de general para combater os inimigos do pai (a história foi transformada em desenho animado pela Disney em 1998) é um exemplo clássico do gênero: foi escrita no séc. V e, desde então, encanta platéias.

Uma fonte de informações preciosa para o conhecimento do significado da cultura *Wusia* na China e, a partir da transculturalidade dos valores marciais chineses, no mundo, é o documento “*Wu and Shia*”, publicado pela Comissão de Assuntos Exteriores de Taiwan. Por meio dele é possível conhecer a amplitude do “ideograma marcial” *Wu* e até perceber como, na história da China, os acontecimentos históricos inspiraram artistas, bardos e, em tempos recentes, diretores de cinema, roteiristas e coreógrafos de cenas marciais.

Outro título essencial é “*Kung-Fu Cult Masters – From Bruce Lee to Crouching Tiger*”, livro do *scholar* Leon HUNT, da Universidade de Brunel (Grã-Bretanha). Nele, o autor relaciona os grandes temas do cinema marcial chinês – como o herói invencível e a mulher guerreira – à história chinesa antiga e recente.

## “KUNG-FU”

A China possui uma história milenar de rebeliões, batalhas, disputas pelo poder e vasto desenvolvimento filosófico e intelectual. Está em uma vasta região, ocupada por dezenas de etnias com histórias e idiomas próprios. Comunidades que, ao longo do tempo e diante das necessidades, desenvolveram suas próprias técnicas de combate corporal com e sem armas. Ao contrário do que somos levados a crer, portanto, a história nos leva a perceber que não existe apenas uma arte marcial chinesa, mas dezenas de artes marciais chinesas, das quais algumas chegaram até nós.

O engano, porém, tem razão de ser: afinal, toda essa massa de conhecimentos não recebe o nome genérico de “Kung-Fu”? Quando vou a uma academia que ensine arte marcial chinesa, não procuro uma academia de “Kung-Fu”? Na China, as artes marciais receberam, ao longo da História, outras denominações.

Apesar de não constar dos dicionários brasileiros, *Kung-Fu* (功夫) é reconhecido, no Ocidente, como sinônimo de “luta chinesa”. Aparentemente, ganhou força na época da veiculação do seriado marcial de TV “Kung-Fu”, veiculado em muitos países entre 1972 e 1975. Em chinês, o termo expressa algo como uma habilidade intuitiva obtida pela repetição de uma ação. Ao associar maestria à superação do “Falso Ego”, o termo se aproxima da visão oriental de transcendência. Os chineses, porém, jamais utilizaram – a não ser recentemente, e em um contexto de transculturalidade - *Kung-Fu* para identificar sua arte marcial. Eles adotam os termos *Wushu* (武術) e *Guoshu* (國術)<sup>2</sup>, que significam, respectivamente, “Arte Guerreira” e “Arte Nacional”. Um terceiro termo identificador é *Chung-kuo Ch’uan* - “Boxe do País do Centro”. Outros termos são *Ch’uan Fa*, *Ch’uan shu* e *Wuyi*. A quantidade de termos é um indício da importância da arte marcial na cultura chinesa.



De acordo com DRAEGER & SMITH, a forma *Kuo-Shu (Guoshu)* teria sido adotada institucionalmente na China em 1928, em substituição a *Wushu*, que, segundo os autores, teve seu uso resgatado anos mais tarde. Esse “resgate” estaria relacionado à chegada dos comunistas ao poder na China continental: além de reafirmar o termo, Beijing impôs uma passagem das formas tradicionais para desportivas que implicou em sua releitura. Isso se deu pela criação de rotinas e modalidades de luta – hoje praticadas como parte das atividades físicas nas escolas de toda a China. Apesar de os autores não informarem como se deu a mudança de nomenclatura, vale observar que, também em 1928, o governo republicano chinês fundou a primeira grande instituição representativa das artes marciais nacionais, o *Central Wushu Institute*, em Nanjing. Esse nome parece desmentir um desejo das instituições chinesas de mudar a forma identificadora da arte marcial nacional.

Atualmente, a instituição representativa das artes marciais chinesas junto ao Comitê Olímpico Internacional (COI) é a *International Wushu Federation*, criada em 1990 na República Popular da China. Uma de suas metas é transformar o *Wushu* em esporte olímpico, numa estratégia semelhante à de Japão e da Coreia do Sul em relação ao Judô e ao Tae-Kwon-Do.

Não há, nos termos que identificam *genericamente* a arte marcial chinesa, uma conotação religiosa. Assim, pode-se dizer que, nesse nível, a arte marcial chinesa não possui corte religioso. Já *Kung-Fu* possui uma ligação com a religiosidade: o termo chegou ao Ocidente no séc. XVIII, através dos relatos enviados por jesuítas que atuavam na China. Esses documentos descrevem exercícios respiratórios taoístas e práticas corporais de grupos que também praticavam formas de pugilismo e luta com armas. Apesar da proximidade entre marcialidade e religião nesses grupos, porém, ela parece não ter implicado em mudanças na visão geral da arte marcial ou no significado básico do termo “*Kung-Fu*” para os chineses.

## E OS MONGES DE SHAOLIN?

É praticamente impossível dissociar o cinema marcial chinês e a arte marcial chinês da figura do “monge de Shaolin”. Se o filme é de corte histórico, é praticamente certa a aparição de pelo menos um monge budista desfechando “porradas” na bandidagem. Afinal, que personagem é esse? O Budismo não é uma religião pacifista? Como explicar o domínio e uso de técnicas corporais que levam dor a outros seres humanos? A História também explica.

Os pesquisadores aceitam o ano de 64 d.C. como o da entrada “institucional” das primeiras obras budistas na China. Nesse ano foi fundado em Luoyang (Henan) o “Mosteiro do Cavalo Branco” (“*Baima*”). O mosteiro de Shaolin foi fundado bem mais tarde (em 495) no sopé do pico *Shaoshi*, no monte *Song* (Henan). O local já era reverenciado como uma das “cinco montanhas sagradas da China” antes da chegada do Budismo. Localizado próximo da cidade de Luoyang (capital do império chinês a partir de 493, quando a Dinastia budista Wei do Norte transferiu sua capital de Datong para lá), ocupava um lugar privilegiado em relação à “geografia sagrada” e ao poder político.

Uma tradição inicial que liga o Budismo à marcialidade em Shaolin se refere ao asceta budista Bodhidharma, patriarca do Budismo Chan (também conhecido como Dhyana ou Zen). Ele teria vivido em uma caverna próxima a Shaolin aproximadamente entre os anos de 520 e 527. Segundo a tradição, ele teria iniciado os monges em práticas corporais (exercícios respiratórios) capazes de aumentar seu vigor físico e, com isso, melhorar sua performance meditativa. Na avaliação dos pesquisadores, porém, não há evidências que provem, efetivamente, a estada de Bodhidharma entre os monges de Shaolin, e nem que ele dominasse técnicas corporais oriundas do Yoga ou de alguma arte marcial.



Estela de Shaolin, redescoberta em 1515 por Du Wu



Fig. 6 - Estela de Shaolin, redescoberta em 1515 por Du Mu.

(Fonte: HUARD, P., WONG, L., "Técnicas e Cuidados do Corpo na China, no Japão e na Índia", 1ª edição, São Paulo: Summus Editorial, 317 páginas, p. 66.)

Os mais antigos registros históricos da participação de monges de Shaolin em ações militares, explica Meir SHAHAR, são encontrados na "Estela do Mosteiro de Shaolin" (*Shaolin si bei*, erigida em 728), que traz sete textos produzidos entre 621 e 728. A estela é considerada o mais importante documento sobre o tema produzido nas dinastias Sui-Tang. Ela foi redescoberta em 1515 pelo *scholar* chinês Du Mu, que produziu um relato precioso sobre as primeiras ações guerreiras dos monges Shaolin. De acordo com a "História do Mosteiro de Shaolin", escrita pelo ministro de Pessoal de Xuanzong (imperador Tang que governou entre 712 e 755), Pei Cui, os monges entraram em ação pela primeira vez em 610<sup>3</sup>, quando derrotaram bandidos que ameaçavam destruir o mosteiro. A primeira ação de caráter político, porém, se deu em 621, quando eles estiveram envolvidos com a chegada da Casa de Tang ao poder: com o fim da Dinastia Sui, no início do séc. VII, nobres e militares lutaram pelo domínio do império. Em 618, Li Yuan (566 - 635) fundou a Dinastia Tang. O início do governo não foi pacífico: em 619, um general de Sui, Wang Shichong, fundou outra Dinastia (Zheng) em Luoyang.

O segundo filho de Li Yuan, Li Shimin (o futuro imperador Taizong) foi encarregado de combater Wang. A guerra durou quase um ano. A ordem de Li Shimin aos seus generais foi atacar o inimigo em Luoyang e cortar as rotas fluviais de abastecimento da cidade. Na primavera de 621, por conta disso, as tropas de Wang Shichong passavam fome. Mesmo cercado, Wang conseguiu firmar uma aliança com outro rebelde, Dou Jiande. Dou, que havia mobilizado tropas entre Shandong e Hebei, resolveu lançá-las contra Li Shimin em Luoyang. Numa atitude digna de Sun Tzu, Li Shimin antecipou-se ao ataque. Em maio de 621, em Hulao, a cem quilômetros de Luoyang, Dou Jiande foi derrotado e morto. Com isso, Wang Shichong se rendeu - ele seria assassinado logo depois, quando seguia para o exílio. No dia quatro de junho de 621, as tropas de Li Shimin entraram em Luoyang.

De acordo com Pei Cui, os monges participaram dos combates pouco antes da vitória de Li Shimin em Hulao. Eles derrotaram soldados de Wang Shichong que ocupavam o monte *Huanyuan*, em *Baigu Zhuang* ("Gleba do Vale do Cipreste"). Vizinheiro da sede do mosteiro, o monte estava situado na passagem para Luoyang e formava um passo - cenário em que poucos soldados poderiam vencer muitos inimigos. No local, a tropa de Wang construiu uma torre que possibilitava o envio de informações para os sitiados em Luoyang. Pouco depois de derrotar as tropas em Huanyuan, os



monges capturaram o sobrinho de Wang Shichong, Wang Renze. Em agradecimento, Li Shimin enviou aos monges uma carta e doou ao mosteiro uma área de 560 acres e um moinho.

De acordo com um segundo documento da “*Estela de Shaolin*” - a “*Carta Oficial de 632*”, escrita pelo vice-magistrado do condado de Dengfeng - um dos monges, Tanzong, foi nomeado “general-em-chefe” do exército de Li Shimin. Outro registro da “*Estela de Shaolin*”, a “*A Lista dos Treze Monges Heróicos*” (único texto não-datado), traz os nomes dos monges que se destacaram nos combates de 621: Shanhu (deão), Zhicao (abade), Huiyang (supervisor), Tanzong (general-em-chefe), Puhui, Mingsong, Lingxian, Pusheng, Zhishou, Daoguang, Zhixing, Man e Feng.

O texto de Pei Cui, observa SHAHAR, não deixa claro se os monges foram convidados ou coagidos a lutar. Ele acredita que a iniciativa pode ter nascido do desejo de vingança ou da observação, pelos monges, das chances dos contendores. O fato é que a vitória implicou em uma mudança no *status* do mosteiro junto à casa imperial: Shaolin não sofreu grandes perseguições durante a Dinastia Tang.

O favor imperial pode ser observado na “*Carta de Pei Cui*” e em outros textos da “*Estela de Shaolin*”, como a carta de Li Shimin aos monges (datada de 26 de maio de 621), a “*Doação do Príncipe*”, de 625 – que devolveu aos clérigos o domínio sobre o Vale do Cipreste – e os “*Presentes do Imperador*”, de 724, que reforçaram o patrocínio ao mosteiro. Chamar observa, porém, os limites dessa aliança: em um trecho da “*Carta de Li Shimin*”, o futuro imperador Taizong exorta os monges a retomarem suas atividades religiosas. O incômodo de Li Shimin diante da possibilidade de lidar com monges lutadores é perceptível; além disso, avalia SHAHAR, a inscrição de documentos oficiais em pedra é reveladora, mostrando que os monges se protegiam contra possíveis “esquecimentos” do imperador.

Não há registro de prática marcial dentro do mosteiro ou de envolvimento dos monges de Shaolin com atividades guerreiras no período que vai da fundação de Tang até a fase final da Dinastia Ming (1368 - 1644). A situação mudou na última etapa da Dinastia Ming: do início do séc. XVI até a primeira metade do século XVIII, quarenta fontes atestaram a ligação do mosteiro com a marcialidade! Com base nesses registros, é possível afirmar que aí se deu a fixação do “mito de Shaolin” e da figura do “monge boxeador”. As fontes incluem manuais militares e de arte marcial, relatos de viagem, relatórios de governo, poesias, estelas e inscrições tumulares na “*Floresta de Stupas*” de Shaolin. Tais registros são a prova da existência dos monges guerreiros budistas: eles apontam sua participação em ações militares, atestam que o mosteiro de Shaolin se transformou em um centro de difusão marcial e indicam que os monges foram levados a adaptar sua prática religiosa às exigências da prática marcial.

Boa parte dos registros da participação de monges em batalhas no séc. XVI se refere às campanhas antipirataria deflagradas em Zhejiang. Nas décadas de 1540 e 1550, as províncias vizinhas do Mar da China foram assaltadas por piratas conhecidos como *wukou*. Eles agiam na costa, em rios e canais, e chegaram a capturar áreas como Songjiang (Xangai); além disso, minavam o poder Ming pela corrupção de governantes locais. Na tentativa de solucionar o problema, o governo resolveu mobilizar os clérigos de Shaolin e de outros mosteiros budistas. As fontes identificam quatro batalhas que tiveram a participação de tropas monásticas: em 1553, quando derrotaram piratas em Hangzhou (Zhejiang); em Wengjiaigang (julho de 1553), Majiabang (primavera de 1554) e Taozhai (outono de 1555), na rede de canais do delta do rio Huangpu. Na última batalha, os monges teriam sido derrotados. A maior vitória nessa campanha teria sido obtida entre 21 e 31 de julho de 1553, em Wengjiaigang. Segundo o relato do geógrafo e conselheiro militar Zheng Ruoceng, 120 monges derrotaram um grupo de piratas, tendo perseguido e exterminado os sobreviventes. *Mais de cem pessoas teriam sido assassinadas, boa parte delas a golpes de bastão de ferro*. O comandante da tropa nessa vitória teria sido um clérigo de Shaolin chamado Tianyuan, apontado como *expert* em artes marciais e estratégia militar.

Ainda que a campanha de Zhejiang seja um acontecimento importante, também há relatos da participação de monges em combates em outras províncias. Em 1552, cinquenta monges de Shaolin liderados por Zhufang Cangong teriam auxiliado o governo de Henan a derrotar o bandido Shi Shangzhao (as informações são do “*Epitáfio de Zhufang Cangong*”, na stupa funerária do próprio Zhufang. O monumento, de 1575, está na “*Floresta de Stupas*” de Shaolin); em 1510 - num momento anterior, portanto, à redescoberta da “*Estela do Mosteiro de Shaolin*” por Du Mu -, teriam combatido um certo Liu Liu e, em 1520, teriam participado da campanha contra outro bandido de Henan, Wang Tang. Inscrições na “*Floresta de Stupas*” também se referem ao engajamento militar individual: o epitáfio do monge Sanqi Yougong (1548) informa que ele teria ocupado postos militares na fronteira de Shanxi e Shaanxi, e que teria participado de uma expedição militar em Yunnan. Os epitáfios dos monges Wanan Shungong (1619) e Benda (1625) informam que ambos se distinguiram em combate. Em 1630, monges de Shaolin teriam sido contratados por um magistrado de Shanzhou (Henan) para treinar uma milícia e tentar conter a crescente anarquia. A tropa teria obtido muitas vitórias contra grupos rebeldes, até que acabou derrotada pelo líder rebelde Ma Shouying, conhecido como *Lao Huihui*.

Shaolin não foi a única “linha mestra” da marcialidade chinesa entre os séculos VII e XIX. Nesse período surgiram outras expressões marciais, como Tai-Chi-Chuan, Hsing I, Pa Kua e I Chuan. Como explicar, então, a menor participação de tais



expressões na memória marcial recente, dominada por Shaolin? Alguns autores relacionam cerca de 400 estilos à tradição do mosteiro budista de Henan! Ela atingiu todo o país e foi, mesmo, matriz de um poderoso mito marcial sulista referente a um suposto mosteiro “*Shaolin do Sul*” (*Nan Shaolin si*) que teria sido construído em algum lugar de Fujian e dado origem a vários estilos de luta. A busca pelas ruínas de um mosteiro “Shaolin do Sul”, inclusive, movimentou atualmente os governos das províncias do sul da China (Putian e Quanzhou) interessados em promover o chamado turismo marcial.

Nossa conclusão é de que a tradição de Shaolin foi fixada em mitos de origem de grupos e não, aparentemente, na transmissão em grande escala de técnicas marciais. Esses mitos estavam relacionados ao movimento sectário chinês, nascido há séculos e reforçado, durante a Dinastia Qing, por grupos que mesclavam auxílio econômico mútuo, arte marcial, religiosidade e intenções sediciosas – as tríades (embrião da moderna máfia chinesa). Essa tradição pode ter origem, por exemplo, em obras nacionalistas relacionadas aos monges, como o “*Epitáfio para Wang Zhengnan*”, de Huang Zongxi.

A lenda relativa à destruição do mosteiro por ordem da Dinastia Manchu também é corrente na tradição do Kung-Fu. Segundo os pesquisadores, é difícil provar a veracidade desses fatos com base em vestígios epigráficos ou arqueológicos. Pelo menos no que se refere ao mosteiro de Shaolin em Henan, as fontes colocam em dúvida a ocorrência de uma destruição completa nos séculos XVII-XVIII. Stanley HENNING, por exemplo, se refere a dois relatos: o primeiro, “*A Miscelânea de Zhongzhou*”, de 1659, afirma que apenas dois monges mendicantes viviam no mosteiro naquele momento; o segundo, de uma visita ao mosteiro pelo oficial manchu Lin Qing em 1828, traz um quadro diferente, mostrando que no início do século XIX vários monges viviam lá e praticavam artes marciais. Segundo Lin Qing, em uma demonstração de habilidades marciais os monges se mostraram “*ágeis como um pássaro e poderosos como um urso*”.

SHAHAR se refere a uma data mais recente de ocupação e de destruição de Shaolin: segundo ele, em 1928 - na esteira da chamada “*Era dos Senhores da Guerra*”, período entre 1917 a 1927 caracterizado por violentos combates entre milícias locais - os clérigos fizeram uma opção política desastrosa, que acabou por implicar na redução do mosteiro a ruínas. Eles apoiaram Fan Zongxi (1888 – 1930), que foi derrotado por Shi Youzan (1891 – 1940). Em represália, Youzan incendiou o mosteiro em 15 de março de 1928. Um relato de 1936, feito por um visitante ocidental, confirma o esvaziamento do mosteiro.

Shaolin só viria a ser reconstruído no início dos anos 80 do século XX, quando o governo de Beijing se apercebeu do potencial turístico do lugar. O primeiro passo foi a instalação de um “*Comitê de Gerenciamento do Templo Shaolin*” por Beijing, que em 1985 nomeou um novo abade, Yongxin, para o mosteiro. Em 1995, o departamento postal chinês emitiu uma série de quatro selos comemorativa dos 1.500 anos de fundação do templo. Atualmente, como observa HENNING, Shaolin se tornou uma espécie de “parque temático” para praticantes de Kung-Fu, configurado para alimentar a fantasia dos turistas: em 1999, por exemplo, visitantes chineses e ocidentais gastaram o equivalente a US\$ 66 milhões em visitas ao local! Em 2000, o mosteiro empregava nada menos que dois mil guias turísticos.

As artes marciais praticadas atualmente na encosta do monte *Song* fogem às de qualquer “velha tradição”, seguindo as orientações da “nova arte marcial chinesa” ditada por Beijing. Atualmente, o mosteiro dispõe de 180 “monges guerreiros” que fazem demonstrações do moderno *Wushu* na China, Europa e América do Norte. O Budismo, controlado pelo Estado, parece não encontrar guarida para qualquer relação séria com “espíritos guardiões guerreiros”, apesar da observação de SHAHAR sobre o renascimento do culto popular a *Jinnaluo* (patrono marcial tradicional de Shaolin). Os monges administradores, por sua vez, travam novas batalhas, como, por exemplo, a referente à exploração comercial da marca “Shaolin” por estrangeiros ou à inscrição do complexo religioso na lista de patrimônios da humanidade da ONU.

## CHI KUNG: O FORMIDÁVEL DOMÍNIO DA ENERGIA INTERNA

Velocidade incomum, leveza extraordinária e poder de derrubar uma muralha com um único soco. Nos filmes de Kung-Fu, os mestres são capazes de façanhas corporais incríveis. De onde vem esse poder? Segundo os próprios personagens, do “domínio da energia interna”, o “Chi Kung”. Afinal, o que é Chi Kung? Quais seus reais limites? Esta última questão ganha especial relevância quando observamos que, através de práticas corporais não-marciais ou desmarcializadas (exercícios para saúde e Tai-Chi-Chuan), o conceito passou a ser difundido também junto a não-praticantes de artes marciais.





Em termos bastante simplificados, o termo “Chi Kung” (ou “Qigong”) pode ser traduzido como “Cultivo da Energia Vital”. Ele está relacionado à medicina chinesa e, principalmente, a conceitos teológico-filosóficos estabelecidos pelo Taoísmo. A chegada do Budismo à China (séc. I) serviu para fortalecer a percepção de que era possível chegar a uma “resposta espiritual” a partir de uma disciplina do corpo. Esse momento histórico teria gerado práticas corporais decorrentes da fusão entre preceitos budistas, hinduístas (através do Budismo) e taoístas. Essas práticas – originalmente, Chi Kung - estariam na origem das artes marciais chinesas. Segundo Charles HOLCOMBE (1990, doc. elet.), na Dinastia Han Posterior houve um cruzamento entre as antigas práticas respiratórias taoístas (chinesas) e hindus (indianas):

“A tradição chinesa taoísta de exercícios de prolongamento da vida se mesclou com o Yoga indiano introduzido na China nos primeiros séculos da era cristã. O interesse inicial no Budismo se concentrou nas aproximações para os mesmos problemas, e alguns dos primeiros textos traduzidos do sânscrito para o chinês eram devotados à meditação, ao controle da respiração e a segredos para atingir a imortalidade no outro mundo.” (HUARD & LING, 1990: 60 e 61).

Jogos dos Cinco Animais: grua, urso, tigre, veado, e macaco



(Fonte: HUARD e WONG, 1990, p. 66.)

HUARD & LING (1990) citam práticas medicinais exportadas da Índia para a China; elas incluíam exercícios físicos que relacionavam formas de respiração, movimento e mentalização.

“No século IV (...) Kumarajiva inundou a China com obras budistas. Desde essa época, os Budas e os Bodhisattvas, seres transcendentais, foram confundidos com sábios taoístas. Eles acabaram vencendo nas devoções populares; o budismo ensinou igualmente preceitos de higiene e as suas comunidades favoreceram os exercícios coletivos (...)” (HUARD & LING, 1990: 60 e 61).

É personagem desse período o médico taoísta Hua To (136 ou 141 a 208 d.C.), tido como o criador dos “*Jogos dos Cinco Animais*” (exercícios zoomorfos que imitavam os movimentos da grua, do urso, do tigre, do veado e do macaco).

De acordo com NEEDHAN, HUARD & LING e HOLCOMBE, esses exercícios são a base da arte marcial chinesa. Segundo HOLCOMBE, a inflexão *saúde x arte marcial* provavelmente decorreu da popularização de obras como a de Hua To. A passagem teria ocorrido a partir de seitas como *Pai-lien She* (“*Sociedade do Lótus Branco*”, fundada em 402 pelo monge budista Hui-yuan), que fundiram a religião das elites com práticas xamanísticas. Tais seitas, observa Holcombe, seriam as grandes responsáveis pela manutenção da nota religiosa na arte marcial chinesa:



“Nos séculos XVIII e XIX, o repertório de técnicas ensinadas aos conversos ao Lótus Branco incluía encantamentos, controle respiratório, massagem terapêutica e exercícios de luta. Os seguidores do Lótus Branco se referiam a essas técnicas como kung-fu, mas a transcendência permanecia sendo seu principal fator de atração. Mesmo entre os boxers, mais recentes, (...) a função do kung-fu consistia, ainda, na obtenção religiosa de poderes sobrenaturais.” (Charles HOLCOMBE, 1990, doc. elet.)

Ainda de acordo esse autor, o Tai-Chi-Chuan - arte marcial provavelmente criada no século XVII em Henan, cujo nome pode ser traduzido como “Boxe do Grau Supremo” - seria a prova da “herança taoísta” das artes marciais. Segundo ele, a ideia de “Grau Supremo” deriva do “Livro das Mutações” (*I Ching*) e as bases filosóficas do Tai-Chi, do Taoísmo.

Joseph NEEDHAM, autor da série “*Science and Civilization in China*” (obra em sete volumes publicada em 1954 pela Cambridge University Press), afirmava que “o pugilismo chinês provavelmente nasceu como um departamento dos exercícios corporais taoístas” (apud. HENNING, 1999). Os métodos chineses de combate são tratados no volume II e V da obra. DRAEGER & SMITH (op. cit.: 16) são mais diretos em relação à proximidade entre Taoísmo e arte marcial: eles afirmam que “esses métodos foram trazidos para dentro do moderno pugilismo e se tornaram o núcleo do chamado Sistema Interno”.

HENNING (1999: 319) se opõe a uma “ascendência religiosa” das artes marciais e atribui essa conexão exclusivamente às sociedades secretas dos séculos XVII e XVIII. Segundo ele, o relativo segredo em que esteve mergulhada a transmissão marcial contribuiu para cercar o tema de “uma névoa de mito e mistério”. Para o pesquisador, muitos *scholars* erraram ao supervalorizar “lendas populares, práticas japonesas e modernas, novelas chinesas de cavalaria, mitos de criação das sociedades secretas do período Qing tardio ou dos Boxers de 1900”. Ele observa que a filosofia taoísta e a “Teoria dos Opostos” (*Yin e Yang*) permearam a mente chinesa como um todo. “Ainda assim, as artes de combate não eram necessariamente associadas com as técnicas de cultivo taoístas, alquimia ou Taoísmo religioso em geral”. (idem: 321). Em sua avaliação, os “Jogos dos Cinco Animais” não guardam relação com o *Tai-Chi-Chuan* ou com qualquer outra forma de luta. Um dos principais responsáveis por essa visão equivocada, para HENNING, foi Joseph Needham:

“Parece que Needham tentou conformar à força o boxe chinês em uma noção pré-concebida do papel do Taoísmo na cultura chinesa; conseqüentemente, o boxe chinês é discutido na narrativa sob [os temas] “Taoísmo” e “Alquimia Fisiológica” no volume dois e na terceira e quinta partes do volume cinco, mas apenas como curiosidade nas notas de rodapé da sexta parte do volume cinco, sobre pensamento e tecnologia militares – como uma atividade taoísta em um meio ambiente militar.” (Joseph NEEDHAM, 1954, DOC. ELET.)

As informações acima apontam os profundos laços entre religiosidade popular, rebelião e arte marcial na China. Ainda que os benefícios da medicina chinesa nos pareçam claros (eles compartilham princípios fundamentais com o Chi Kung), não temos elementos para provar ou desmentir cientificamente a efetividade das técnicas de cultivo da energia para aumentar a resistência física ou o poder de lesão de um golpe. Importante é observar que os filmes, assim como a crença marcial comum das academias, refletem valores antiqüíssimos, que merecem ser estudados criticamente e não descartados como “crendice” ou “exageros de cinema”.

## CONCLUSÃO

Ao produzir este artigo, nos propusemos a analisar, a partir de elementos colhidos junto ao chamado “cinema marcial” chinês, parte da História da China, aquela ligada à marcialidade. Como observamos anteriormente, o tema é vasto e não se esgota em um artigo acadêmico. Há muito a estudar, dos mitos e lendas que fundamentam os estilos à sua releitura permanente nas academias de todo o mundo, passando pela influência de uma “cultura marcial” que se instala, por exemplo, por meio da popularização dos jogos eletrônicos. Se, ao produzir este artigo, conseguimos despertar a atenção para esse campo de estudo (que abrange não apenas a marcialidade chinesa, mas a de outros países que produziram sistemas de combate corporal), nos damos por imensamente satisfeitos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APOLLONI, R., **"Shaolin à Brasileira – Estudo sobre a presença e a transformação de elementos religiosos orientais no Kung-Fu praticado no Brasil"**, trabalho apresentado ao Departamento de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião, PUC-SP, 2004.
- \_\_\_\_\_, **"Eu sou a Invencível Deusa da Espada! A representação da mulher na 'cultura marcial chinesa' e seus possíveis reflexos sobre as relações de gênero"**, art. disp. em <<http://www.shaolincuritiba.com.br/mulher.html>> (c. 29.03.2004).
- BALLARDINI, B., **"Between Sport and Ideology: the modernisation of the Chinese Martial Arts"**, art. disp. em <<http://www.cesh.info/resumenes/BBallardini.html>> (c. 16.12.2003)
- CÂMARA, R., **"Uma crítica ao mecanismo da educação física a partir da filosofia do kung fu"**, São Paulo, 2003. 86 p., trab. conclusão do curso de graduação em Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.
- CARDOSO, A., **"Os Treze Momentos – Análise da Obra de Sun Tzu"**, 1ª edição, Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1987, 158 p.
- CHINA DAILY, **"Pilgrimage to Mecca of Kung-Fu"**, art. publ. 10.08.2003 e disp. em <<http://www.china.org.cn/english/TR-e/39125.htm>> (c. 17.12.2003)
- CHU, C., **"Chinese in Brazil"**, art. disp. em <[http://huaren.org/diaspora/l\\_america/brazil/0194-01.html](http://huaren.org/diaspora/l_america/brazil/0194-01.html)> (c. 29.03.2004)
- DERRICKSON, C., **"Chinese for the Martial Arts"**, 1ª edição, Rutland: Charles E. Tuttle, 1996, 40 p.
- DIÁRIO DO POVO (BEIJING), **"Ancient Buddhist Temple Untouched by Modern Tourism"**, art. publ. em 28.12.2000 e disp. em <[www.china.org.cn/english/DO-e/5836.htm](http://www.china.org.cn/english/DO-e/5836.htm)> (c. 17.12.2003)
- \_\_\_\_\_, **"Shaolin Temple Pagodas to Apply for World Heritage Listing"**, publ. em 22.07.2002 e disp. em <<http://www.china.org.cn/english/TR-e/37325.htm>> (c. 17.12.2003)
- DRAEGER, D., & SMITH, R., **"Asian Fighting Arts"**, 1ª edição, Tóquio: Kodansha International Ltd., 1973, 201 p.
- DUKES, T., **"The Bodhisattva Warriors – The Origin, Inner Philosophy, History and Symbolism of the Buddhist Martial Art within India and China"**, 1ª edição, York Beach: Samuel Weisner Inc., 1994, 527 p.
- FINCKENAUER, J., **"Chinese Transnational Organized Crime: The Fuk Ching"**, disp. em <<http://www.ojp.usdoj.gov/nij/international/ctoc.html>> (c. 22.04.2004)
- GOVERNO DA REPÚBLICA DA CHINA, **"Chinese Kung-Fu"**, disp. em <<http://www.gio.gov.tw/info/culture/cultur20.html>> (c. 09.01.1997)
- GRANET, M., **"O Pensamento Chinês"**, 1ª ed., Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, 415 p.
- HA, M., **"Cultural Identities in The Chinese Diaspora"**, art. disp. em <<http://huaren.org/diaspora/background/doc/010500-01.html>> (c. 16.04.2004).
- HAAR, B., **"Ritual & Mithology of the Chinese Triads"**, 1ª edição, Leiden: Brill, 2000, 517 p.
- HARRINGTON, P., **"Peking 1900 - The Boxer Rebellion"**, 1ª edição, Oxford: Osprey Publishing, 2001, 96 p.
- HENNING, S., **"Academia Encounters the Chinese Martial Arts"**, artigo publ. em Havai: China Review International, Vol. 6, n. 2, 1999, p. 319 a 332.
- HENNING S., **"Ignorance, Legend and Tai-Chi-Chuan"**, art. disp. em <<http://www.nardis.com/~twchan/henning.html>> (c. 24.07.2003)
- \_\_\_\_\_, **"Reflections on a Visit to the Shaolin Monastery"**, art. publ. em Journal of Asian Martial Arts, Vol. 7, n. 1, 1998, p. 90 a 101.



\_\_\_\_\_, "Southern Fists & Northern Legs - The Geography of Chinese Boxing", art. publ. em Journal of Asian Martial Arts, vol. 7, n. 3, 1998, p. 25 a 31.

**HISTÓRIA DA CHINA – LINHA DO TEMPO**, disp. em <[http://www-chaos.umd.edu/history/time\\_line.html](http://www-chaos.umd.edu/history/time_line.html)> (c. 12.09.2003)

HOLCOMBE, C., "Theater of Combat: A critical look at the Chinese Martial Arts", art. disp. em <<http://www.sino.uni-heidelberg.de/FULLTEXT/JR-ADM/holcom.htm>> (c. 25.08.2003)

HUARD & LING, "Técnicas e Cuidados do Corpo na China, no Japão e na Índia", 1ª edição, São Paulo: Summus Editorial, 1990, 317 p.

HUNT, L., "Kung Fu Cult Masters - From Bruce Lee to Crouching Tiger", 1ª edição, Londres: Wallflower, 2003, 229 p.

JANOT, M., "Trinta Anos Sem Bruce Lee", art. disp. em <[http://www.graciemag.com/edicao/73\\_brucelee.shtml](http://www.graciemag.com/edicao/73_brucelee.shtml)> (c. 10.10.2003).

**KUNG FU**, inf. sobre a série de TV em <<http://www.retrotv.com.br/kungfu>> (c. 04.01.2003)

**KUNG-FU GUIDE**, informações sobre a série de TV "Kung-Fu" em <<http://www.kungfu-guide.com>> (c. 06.01.2004)

LEITE, J., "A China no Brasil", 1ª edição, Campinas: Editora da Unicamp, 1999, 288 p. mais anexos.

\_\_\_\_\_, "Imigração Chinesa para o Brasil", in China em Estudo, São Paulo: FFLCH-USP, v.2 , n.2, p. 49-57, jul./dez. 1995.

**LITERATURA WUSIA**, inf. disp. em <<http://edu.ocac.gov.tw/taiwan/kungfu/e/1-11.htm>> (c. 10.06.2003)

MENON, B., "The Life of Shang-Chi, Master of Kung-Fu", art. disp. em <<http://www.panix.com/~bala/mokf/>> (c. 08.01.2004).

MEYERS, et. al., "From Bruce Lee to the Ninjas – Martial Arts Movies", 1ª edição, Nova Iorque: Carol Publishing Group, 1991, 256 p.

MING, Y., "Ancient Chinese Weapons – A Martial Artist's Guide", 1ª edição, Boston: YMAA Publications, 1999, 140 p.

**MOSTEIRO DE SHAOLIN**, fotos disp. em <<http://www.qigong.ru/Gallery/comments.e/ShaoLin.Monastery.html>> (c. 23.05.2003).

\_\_\_\_\_, fotos disp. em <<http://www.paulnoll.com/China/Tourism/tourist-Shaolin-scenes.html>> (c. 23.05.2003).

\_\_\_\_\_, fotos disp. Em <<http://129.79.22.9/china/ShaoLin/thumbs/thumbs1.html>> (c. 23.05.2003).

MURRAY, D., "The Origins of the Tiandihui – The Chinese Triads in Legend and History", 1ª edição, Stanford: Stanford University Press, 1994, 350 p.

PEERS C, & MCBRIDE, A., "Ancient Chinese Armies 1500 – 200 b.C.", 1ª edição, Oxford: Osprey Publishing, Men-at-Arms Series, 1998, 48 p.

PEERS, C. & SQUE, D., "Medieval Chinese Armies 1260 – 1520", 1ª edição, Londres: Osprey Publishing, 1992, 48 p.

PILATO, H., "The Kung-Fu Book of Caine: The Complete Guide to TV's First Mystical Eastern Western", 1ª edição, EUA: Charles E. Tuttle Company, 1993, 200 p.

\_\_\_\_\_, "The Kung-Fu book of Wisdom: Sage Advice from the Original TV Series", 1ª edição, EUA: Charles E. Tuttle Company, 1997, 127 p.

PRASHAD, V., "Everybody was Kung-Fu Fighting", 1ª edição, Boston: Beacon Press, 256 p.

**REBELIÃO DOS BOXERS**, inf. disp. em <[http://en.wikipedia.org/wiki/Boxer\\_Rebellion](http://en.wikipedia.org/wiki/Boxer_Rebellion)> (c. 26.04.2004).

SHAHAR, M., "Ming-Period Evidence of Shaolin Martial Practice", art. publ. em Harvard Journal of Asiatic Studies, vol. 61, n. 2, dez. 2001, p. 359 a 413.



\_\_\_\_\_, "Epigraphy, Buddhist Historiography, and Fighting Monks: The Case of The Shaolin Monastery", art. inédito, 21 p.

**SHANG-CHI**, inf. sobre o personagem em <<http://www.toonopedia.com/shangchi.htm>> (c. 08.01.2004)

\_\_\_\_\_, inf. sobre o personagem em <<http://www.nfcorporation.hpg.ig.com.br/shangchi.htm>> (c. 08.01.2004)

SPENCE, J., "Em Busca da China Moderna", 1ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 1996, 817 p.

TER HAAR, B., "Ritual & Mythology of the Chinese Triads", 1ª edição, Leiden: Brill's Scholars List, 1997, 577 p.

VEIGA, A., "Minha História no Kung-Fu", art. disp. em

<[http://ariovaldoveiga.sites.uol.com.br/minha\\_historia/minhahistoria.htm](http://ariovaldoveiga.sites.uol.com.br/minha_historia/minhahistoria.htm)> (c. em 10.08.2003).

XINHUA NEWS, "Monks Battle Use of 'Shaolin' as Trademark", art. publ. em 25.09.2002 e disp. em

<<http://www.china.org.cn/english/Life/43987.htm>> (c. em 17.12.2003)

## NOTAS

<sup>1</sup>Baseamos essa informação em dados de campo obtidos em nossa pesquisa de mestrado, realizada junto a praticantes de Kung-Fu chineses e brasileiros das cidades de São Paulo, Campo Grande, Florianópolis, Curitiba e Belo Horizonte.

<sup>2</sup> Variantes: *Wu Shu*, *Wu-shu*, *Kuoshu*, *Kuo Shu* e *Kuo-shu*.

<sup>3</sup> Ou entre 605 e 618. A primeira data é de SHAHAR; a segunda, de HENNING.

